

Recensión:

Freire, P. (2014). *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos*. São Paulo: Paz e Terra. ISBN: 8571392912

Júlio César Augusto do Valle *

Universidade de São Paulo

A morte do sonho e da utopia constituem somente os sintomas de uma enfermidade muito grave de que padece a humanidade. Trata-se, com efeito, a morte da história, de sua imutabilidade determinista declarada por inúmeros discursos e práticas legitimados por nossa educação. Freire, todavia, se recusou a aquiescer passivamente diante de tais discursos e práticas e, reconhecendo-lhes a indevida ideologização, indignou-se às mazelas que sucediam – em seus termos, malvadezas de um sistema que concilia o inconciliável: a miséria na opulência.

O educador, patrono da educação brasileira, demonstrou, de fato, seu sentimento de justa revolta ao redigir suas últimas cartas pedagógicas. Tais escritos, ainda inéditos, foram publicados por sua esposa Ana Maria Araújo Freire, conhecida carinhosamente como Nita, que os denominou *Pedagogia da Indignação* precisamente por reconhecer seu caráter de inconfundível insubordinação diante dos males que Freire sabia que a humanidade permitia desnecessariamente que existissem.

Toda indignação de Paulo Freire resumia-se, portanto, às malvadezas construídas e reiteradas por uma educação que padece perniciosamente da impregnação de distorções provenientes do neoliberalismo – obstáculos àquilo que o educador chamou de “leitura crítica” do mundo ou da realidade, desmistificações. O apelo à concorrência, a ideologia do mérito e toda sorte de preconceitos seriam, na perspectiva de Freire, corroborados por esta educação preocupada meramente em assegurar a transferência, o depósito, de uma miríade de conteúdos dissociados do cotidiano dos educandos e das educandas.

À educadora crítica, progressista, com quem Freire dialoga em seus escritos, resta a responsabilidade de desmistificar a realidade com os educandos, para eles. Trata-se, não obstante, de uma responsabilidade bastante difícil, sobretudo se consideramos que as escolas, os currículos e a educação permanecem propensos à defesa do sistema que pretendemos desconstruir. Daí, a indignação freireana.

Existem, portanto, malvadezas intrínsecas à educação neoliberal que, conforme insiste Freire, precisam ser intensamente combatidas por todo educador progressista, que se compromete à transformação construtiva e democrática da sociedade. Dentre tais malvadezas, Freire destaca, como discutimos no início, a compreensão fatalista da história que imobiliza os oprimidos enquanto permite o movimento livre aos opressores.

*Contacto: julio.valle@usp.br

Com efeito, muito de sua obra é dedicada ao combate dos argumentos em que se sustentam compreensões deterministas da história. “Nenhuma realidade é assim porque assim tem de ser”, declara o autor, mas “está sendo assim porque interesses fortes de quem tem poder a fazem assim”.

Em seus termos, “o discurso da impossibilidade de mudar o mundo é o discurso de quem, por diferentes razões, aceitou a acomodação, inclusive por lucrar com ela”. Isto porque, para o educador, a acomodação é a expressão declarada da desistência da luta pela transformação. A educação contribui evidentemente para esta desistência ao estimular a compreensão distorcida de que não há motivo para esperar que o porvir seja diferente do passado e do presente. Freire indignou-se ao estímulo equivocado da educação, afirmando, daí: “gosto de ser gente, pelo contrário, porque mudar o mundo é tão difícil quanto possível”.

O educador reconhece, em sua obra, que a constatação de aparente imutabilidade oferece, entretanto, aos incautos a mornidão da acomodação, ao invés da assunção de uma luta permanente e sempre desigual em favor da justiça. Este pragmatismo amesquinizador, no dizer de Freire, opera, daí, como decorrência do discurso neoliberal em sua prática educativa correlata, que propala a recusa sistemática do sonho e da utopia, sacrificando necessariamente a esperança. Daí, o que nos resta é “a redução do futuro à permanência do presente”.

Do mesmo pragmatismo neoliberal que distorce os princípios da educação depreende o apelo à concorrência e também o aumento irrefletido dos conteúdos transferidos nas escolas, esvaziando significativamente o sentido da formação escolar. Com efeito, Freire defende que a necessária formação técnico-científica dos educandos não pode ser resumida à estreiteza tecnicista e cientificista que tem caracterizado o treinamento educacional neoliberal.

Por isso, também nesta obra, o educador nos estimula ao desafio de orientar nossos educandos a pensar criticamente suas realidades sociopolítica, econômica e histórica. Parafrazeando-o, não podemos, educadores progressistas, desistir da luta, submetendo-nos ao estreito e distorcido fatalismo histórico que somente beneficia um segmento muito restrito da humanidade, como se a única saída às crises em que nos debatemos fosse a submissão passiva. Conforme enuncia, “nenhuma realidade social, histórica, econômica é assim porque está escrito que assim seja”.

Diante deste cenário, emerge também a declaração freireana de que a educação de que necessitamos não pode prescindir, de fato, da formação técnico-científica – por meio do exercício de sua curiosidade epistemológica. Contudo, o educador complementa que a mesma educação demanda a compreensão igualmente crítica de nossos direitos e de nossos deveres de cidadão ou de cidadã. Por esse motivo, Freire nos orienta a testemunhar em nossa prática a seriedade, a rigorosidade ética, mas, sobretudo, a perspectiva política em que acreditamos: afinal, não podemos silenciar diante da afirmação de que “os favelados são os grandes responsáveis por sua miséria” ou em face do discurso que diz da impossibilidade de mudar o mundo.

Há de se perceber, como Freire evidencia em seus escritos, que tais acometidas decorrem todas da impregnação da educação por distorções neoliberais, cujo propósito basilar parece ser despolitizar a prática educativa. Com efeito, conforme declara o educador, nunca houve tanta dedicação em despolitizar a educação, travesti-la de uma neutralidade

que lhe é fundamentalmente contrária. Todo esse cenário provoca, então, a “deflagração da justa ira” de Freire, a indignação que bem caracteriza seus últimos escritos.

Freire justifica, inclusive, em sua obra, seu direito à raiva que sente diante deste cenário cheio de malvadezas – de carência na fartura, de miséria na opulência. De fato, o autor considera que seu direito de manifestá-la e de tê-la como motivação para sua luta decorre “da negação do direito de ‘ser mais’ inscrito na natureza dos seres humanos”. Por isso, o educador defendia que não podemos cruzar os braços fatalistamente diante da miséria, escapando, desta maneira, à nossa responsabilidade no discurso indolente, que fala da impossibilidade de mudar.

Daí decorre também o cuidado freireano em tratar da invasão colonialista do novo mundo e dos ensinamentos autênticos deste momento histórico. Freire se recusa, aliás, a dizer “descobrimento” ao referir-se à, como ocorreu de fato, invasão. Nesse sentido, o educador depreende que os principais ensinamentos que a trágica experiência colonialista nos oferece são a recusa à espoliação, a inconformidade diante das injustiças e o ensinamento de que podemos mudar o mundo... Mas, sobretudo, “o ensinamento de que os poderosos não podem tudo; de que os frágeis podem fazer, na luta por sua libertação, de sua fraqueza a força com a qual vencem a força dos fortes” – a resistência.

Assim, diante das malvadezas da educação neoliberal, Freire nos lembra de que uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica consiste em trabalhar a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta. Devemos não somente manifestar nossa concordância às utopias conhecidas, mas construir nossas próprias utopias, defendê-las, divulgá-las. Da Pedagogia da Indignação, aprendemos, então, que a prática docente coerentemente progressista nunca pode se tornar mecânica, pois que parte da assunção de nosso mover-se no mundo é dinâmico, não inercial.

Freire conclama-nos, portanto, educadores progressistas, críticos, comprometidos com a transformação construtiva e democrática, à luta que demandam indiscutivelmente nossos propósitos. Afinal, por meio de sua obra, o educador declara que devemos assumir nossa não-neutralidade no mundo e, daí, também os riscos que disto decorrem: nossa natureza não prescinde da prática educativa que desafia a curiosidade crítica e estimula nosso potencial de conhecer e reinventar o mundo – tudo o mais, aparentemente apolítico, somente reitera as contradições e crises de nosso sistema econômico.

Dispomo-nos, assim, conclamados e estimulados por Freire, em sua *Pedagogia da Indignação*, nas linhas de frente, de um combate desigual e permanente contra as mistificações sobre as quais se constroem as malvadezas da educação neoliberal. Enfrentamos, conscienciosos de nosso dever perante nossos educandos, as compreensões fatalistas e deterministas da história, a morte do sonho e da utopia, o apelo à concorrência, a redução do futuro à permanência ao presente, a redução da formação educativa ao tecnicismo exacerbado e toda sorte de preconceitos reiterados por tais mistificações. Nossa luta convoca-nos o educador “é pelo aumento da criticidade com que nos podemos defender desta força alienante”.

Considero, sob essa perspectiva, que Freire atingiu plenamente seu propósito em seus últimos escritos: estimular-nos, por meio de sua indignação, ao confronto das ideologias abstrusas que governam nossos modos tradicionais de pensar, sentir e agir. Com efeito, após a leitura da obra, apropriamo-nos de toda a indignação que o educador manifesta: indignamo-nos com todos os males que, desnecessariamente, homens e mulheres permitem que existam. Trata-se, como vimos, de um cenário delicado e de difícil

enfrentamento. O educador, patrono de nossa educação, nos recorda, todavia: “não importa em que sociedade estejamos e a que sociedade pertencamos, urge lutar com esperança e denodo.